

AVALIAÇÃO DAS OPORTUNIDADES AMBIENTAIS OFERECIDAS EM DOMICÍLIO PARA O DESENVOLVIMENTO MOTOR DE BEBÊS

Heloisa Briones Mantovani [*]

Aila Narene Dahwache Criado Rocha [**]

[*] Mestranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9970-7636>

E-mail: heloisa.briones@unesp.br

[**] Doutora em Educação (UNESP). Docente do Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6186-875X>

E-mail: aila.rocha@unesp.br

RESUMO

O objetivo deste estudo foi avaliar as oportunidades ambientais para o desenvolvimento motor de bebês oferecidas em seu domicílio. Participaram desta pesquisa 21 bebês, de 0 a 24 meses, e seus cuidadores, moradores de um bairro abrangido por uma Unidade de Saúde da Família (USF). Foi utilizado o instrumento *Affordances in the Home Environment for Motor Development* (AHEMD), a fim de investigar a qualidade e a quantidade das oportunidades de desenvolvimento motor oferecidas pelo ambiente domiciliar. Os resultados demonstraram que as categorias “Espaço Externo”, “Materiais para Motricidade Fina” e “Materiais para Motricidade Grossa” apresentaram as piores pontuações do estudo. Em relação aos bebês matriculados na creche, foi identificado que apenas 7 dos 21 bebês frequentam a creche e que nenhum dos bebês foi matriculado antes dos 18 meses de idade. Foi possível concluir a necessidade de outros espaços como, por exemplo, o ambiente escolar, as áreas públicas de lazer, entre outros, para suprir os estímulos que não estão disponíveis no ambiente domiciliar.

Palavras-chave: Características de Residência. Desenvolvimento Infantil. Educação.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos da vida de uma criança são cruciais para o seu desenvolvimento, uma vez que são as habilidades aprendidas durante este período que fazem com que ela consiga desempenhar diversas atividades durante esta fase e as fases futuras de sua vida (DORNELAS *et al.*, 2017; SOUZA *et al.*, 2018; SOUZA; VERÍSSIMO; CRUZ, 2018). O desenvolvimento infantil é influenciado por diversos fatores, sendo eles: a interação da criança com as pessoas e o ambiente que a cercam; o período histórico em que vive e as suas próprias características (BRONFENBRENNER, 2011; SOUZA; VERÍSSIMO; CRUZ, 2018).

Por muito tempo, acreditou-se que o desenvolvimento das habilidades motoras estavam relacionadas às características intrínsecas da criança, ou seja, as alterações maturacionais sofridas por ela (DORNELAS *et al.*, 2017; HAYWOOD; GETCHELL, 2004), mas atualmente a literatura aponta que esse processo pode ser intensificado ou agravado por fatores extrínsecos ao sujeito como, por exemplo, as características físicas da residência, a interação com os pais e os brinquedos oferecidos ao bebê (GIROLDI, 2020; PEDROSA; CAÇOLA; CARVALHAL, 2015).

Um ambiente adequado para o desenvolvimento do bebê é aquele que o oferece novos desafios e experiências sensoriomotoras, a fim de auxiliar o bebê a explorar o mundo ao seu redor, através de diversas informações sensoriais como, por exemplo, visão, audição e tato (CORBETTA; SNAPP-CHILDS, 2009; MONTEIRO, 2006; PEDROSA; CAÇOLA; CARVALHAL, 2015; ZANELLA, 2014). O primeiro ambiente capaz de oferecer esses estímulos é a residência em que o bebê vive, mas a escola também é caracterizada como um ambiente capaz de estimular as habilidades motoras do bebê, assim como as habilidades cognitivas e de linguagem (MARTINS; SZYMANSKI, 2004; SILVA *et al.*, 2017; VENETSANO; KAMBAS, 2010).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as instituições que atendem crianças de 0 a 3 anos devem contemplar as necessidades do desenvolvimento infantil de cada bebê, bem como o seu direito à socialização, aos cuidados assistenciais específicos e necessários e às vivências infantis (BRASIL, 2007). Desta forma, creches de alta qualidade devem ser estruturadas com brinquedos apropriados, profissionais capazes de mediar experiências sensório-motoras satisfatórias e um ambiente físico, a fim de favorecer o

desempenho das habilidades do bebê, complementando os estímulos que estes já encontram no seu ambiente domiciliar. Ao contrário do esperado, as creches onde os profissionais estão sobrecarregados, que apresentam infraestrutura precária e brinquedos inadequados, quando comparadas às residências dos bebês, podem oferecer oportunidades de desenvolvimento inferiores às oferecidas pelo ambiente domiciliar (BARROS; AGUIAR, 2010; BARROS *et al.*, 2011; EICKMANN *et al.*, 2009; SOARES, 2012).

O estudo realizado por Pedrosa, Caçola e Carvalhal (2015) contou com 97 bebês de 4 a 18 meses, seus cuidadores e 11 educadoras de 7 creches de Vila Real, e teve por objetivo identificar os fatores ambientais preditores do perfil sensorial desses bebês. Para isso, utilizou o *Test of Sensory Functions in Infants* para avaliar o perfil sensorial, o questionário *Affordances in the Home Environment for Motor Development*, para avaliar os ambientes domiciliar e das creches, e um pequeno questionário para recolher informações sobre o espaço físico e a rotina do bebê, assim como dados sobre o nascimento e o acompanhamento médico. Os resultados mostraram que 66% dos bebês apresentam perfil sensorial normal, enquanto os outros 34% encontram-se em risco ou em déficit. Em relação as oportunidades de estimulação, o ambiente familiar foi caracterizado como suficiente e as creches como boas. Os fatores "horas diárias na creche" e "espaço externo da creche" influenciaram o perfil sensorial dos bebês, uma vez que eles passam mais horas ativas na creche do que em casa e que o espaço externo da creche apresenta brinquedos que estimula o desenvolvimento psicomotor dos bebês.

O estudo realizado por Defilipo e colaboradores (2012) teve por objetivo avaliar as oportunidades presentes no ambiente familiar para o desenvolvimento motor. Participaram dessa pesquisa 239 bebês de 3 a 18 meses e seus familiares, moradores da região norte de Juiz de Fora, Minas Gerais. Para a avaliação, foi utilizado o instrumento *Affordances in the Home Environment for Motor Development - Infant Scale* (AHEMD- IS). Como resultado, foi possível observar que as oportunidades de estimulação motora no ambiente familiar nessa região foram relativamente baixas. Entretanto, os bebês com melhores níveis socioeconômicos e cujas mães viviam em união estável, apresentaram oportunidades mais favoráveis ao desenvolvimento motor. Na tentativa de replicar o estudo de Defilipo e colaboradores (2012), em um território vinculado a uma Unidade de Saúde da Família de uma cidade do interior de São Paulo, surgiu o seguinte questionamento: Quais as oportunidades ambientais oferecidas no domicílio para o desenvolvimento motor de bebês? Neste contexto, o objetivo deste estudo foi

avaliar as oportunidades ambientais para o desenvolvimento motor de bebês oferecidas em seu domicílio.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de identificar novas evidências científicas que potencializem as intervenções direcionadas ao monitoramento do desenvolvimento infantil de bebês em seus territórios, seja voltada ao ambiente domiciliar ou ao escolar. É fundamental que novos estudos possam contribuir com a identificação de fatores que trazem prejuízos a aquisição de habilidades de bebês, bem como evidências que direcionem o planejamento de propostas que complementem os estímulos necessários para o seu bom desenvolvimento como, por exemplo, orientações em relação a reorganização do ambiente domiciliar, exploração de novos espaços na comunidade, o acesso ao ambiente escolar, entre outros.

MÉTODO

O presente estudo faz parte de um Projeto de Pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP- Campus de Marília/SP, respeitando as prerrogativas da resolução 510/16 do CONEP, que versa sobre ética em pesquisa com seres humanos, tendo parecer favorável nº 3.272.559, CAAE: 09740319.4.0000.5406.

Os participantes da pesquisa foram 21 bebês de zero a dois anos e seus cuidadores, moradores de um bairro abrangido por uma Unidade de Saúde da Família (USF), de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O critério de inclusão desta pesquisa considerou bebê como todos aqueles com idade até 24 meses completos, de acordo com as Diretrizes para Estimulação Precoce (BRASIL, 2016). Já como critério de exclusão, não foram avaliados os bebês que apresentaram o diagnóstico de síndromes e/ou deficiências que pudessem interferir no desenvolvimento infantil.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi o “Oportunidades de Estimulação Motora na Casa Familiar” que consiste em uma adaptação do instrumento *Affordances in the Home Environment for Motor Development* (AHEMD) para realidade brasileira. Este instrumento tem o objetivo de investigar a qualidade e a quantidade das oportunidades de desenvolvimento motor oferecidas pelo ambiente domiciliar. Ele é composto por perguntas, que devem ser respondidas pelos pais, a respeito do perfil socioeconômico e as características

familiares; do espaço físico da residência; dos brinquedos; e a respeito da variedade de estimulação que se refere às atividades diárias realizadas pela criança dentro da residência (CAÇOLA *et al.*, 2011).

O AHEMD é dividido em duas versões: uma referente aos bebês de 3 a 18 meses, e outra que refere-se às crianças de 18 a 42 meses. A pontuação das categorias “Espaço Externo”, “Espaço Interno” e “Variedade de Estímulos” se dá de maneira igual para todas as faixas etárias, mas acontece de forma diferente no que diz respeito à quantidade e o tipo de brinquedo adequado para cada idade. Para calcular a pontuação da versão de 3 a 18 meses, foi utilizado uma Folha Manual de Respostas e, para a versão de 18 a 42 meses do instrumento, foi usado o calculador proposto pelo instrumento - “Microsoft Excel- AHEMD Calculador versão 1.6” (CAÇOLA *et al.*, 2011; CAÇOLA *et al.*, 2015).

A classificação total das oportunidades ambientais consiste na pontuação total de cada dimensão e, na avaliação de 3 a 18 meses, a pontuação final classifica as oportunidades da residência como Menos que adequado, Moderadamente Adequado, Adequado e Excelente. Já na avaliação de 18 a 42 meses, a classificação das residências podem ser Baixa, Média, Alta, enquanto a pontuação por categoria classifica como Muito Fraca, Fraca, Boa e Muito Boa.

Para este estudo, foi considerado apenas uma classificação, a fim de facilitar o entendimento dos resultados, porém, ela foi adequada para englobar todas as pontuações oferecidas pelas duas versões do instrumento, para que ambas fossem representadas. Portanto, as pontuações foram adequadas da seguinte forma:

Para a Pontuação por Categoria e Pontuação Final:

- a) Muito Baixa (18 a 42 meses) foi classificada como Muito Fraca por este estudo;
- b) Menos que adequado (3 a 18 meses) e Baixa (18 a 42 meses) foram classificadas como Fraca por este estudo;
- c) Moderadamente Adequado (3 a 18 meses) e Média (18 a 42 meses) foram classificadas como Média;
- d) Adequada (3 a 18 meses) e Alta (18 a 42 meses) foram classificadas como Boa;
- e) Excelente (3 a 18 meses) foi classificada como Muito Boa por este estudo.

A coleta de dados aconteceu por meio de visitas domiciliares de 50 minutos à uma hora de duração e os materiais utilizados foram caneta, prancheta e a ficha de resposta dos instrumentos. Para a análise dos dados foram calculadas as pontuações das duas versões do AHEMD e, posteriormente, foram tabulados no programa *Microsoft Excel* e realizada a análise

estatística descritiva, com o objetivo de caracterizar as oportunidades ambientais oferecidas ao bebê.

RESULTADOS

Os resultados apresentados dizem respeito às oportunidades ambientais oferecidas a 21 bebês de 0 a 24 meses. O quadro 1 apresenta a caracterização desses bebês em relação à idade, sexo, renda familiar e sua matrícula na creche.

QUADRO 1 – Caracterização dos bebês

Bebês	Idade	Sexo	Renda Familiar	Frequenta a Creche
B1	3 meses	F*	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B2	4 meses	F	R\$1.000 à R\$1.500	Não
B3	5 meses	M**	R\$1.500 à R\$2.500	Não
B4	6 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B5	7 meses	M	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B6	10 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B7	10 meses	M	R\$1.500 à R\$2.500	Não
B8	13 meses	M	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B9	13 meses	M	R\$1.500 à R\$2.500	Não
B10	16 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Não
B11	17 meses	M	R\$1.000 à R\$1.500	Não
B12	17 meses	F	R\$1.000 à R\$1.500	Não
B13	17 meses	M	R\$1.000 à R\$1.500	Não
B14	18 meses	M	R\$1.500 à R\$2.500	Sim
B15	20 meses	F	R\$1.500 à R\$2.500	Sim
B16	21 meses	M	R\$1.000 à R\$1.500	Sim
B17	21 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Sim
B18	21 meses	F	R\$1.500 à R\$2.500	Não
B19	21 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Sim
B20	23 meses	M	R\$1.500 à R\$2.500	Sim
B21	23 meses	F	R\$2.500 à R\$3.500	Sim

Fonte: As autoras

Legenda: F*: Feminino; M**: Masculino

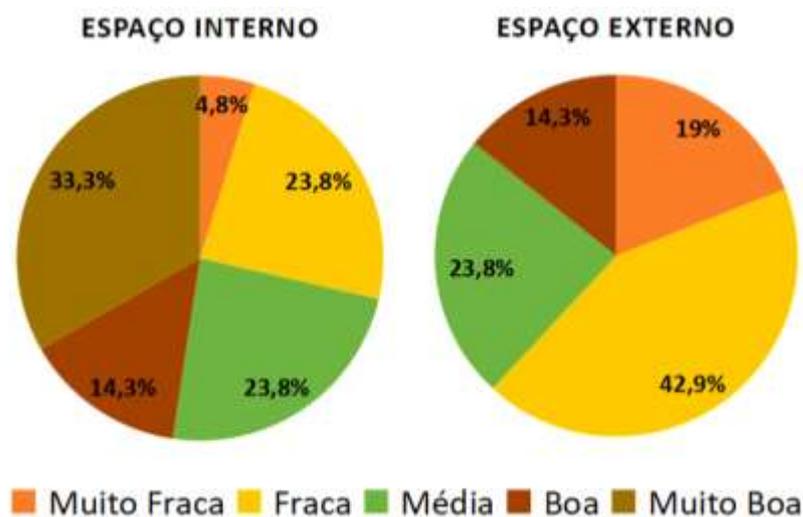
A idade média dos bebês era de ± 14 meses e 52,4% (11) deles eram do sexo feminino, enquanto 47,6% (10) eram do sexo masculino. Em relação à renda familiar, 23,8% (5) das famílias apresentam renda de R\$1.000 à R\$1.500, enquanto 33,3% (7) têm renda entre R\$1.500 à R\$2.500 e 42,9% (9) das famílias apresentam renda de R\$2.500 à R\$3.500. Já em relação aos bebês que frequentam a creche, 66,7% (14) deles não frequentam e apenas 33,3% (7) estão matriculadas na creche. Observa-se também que entre os bebês avaliados existe uma

prevalência de acesso a creche a partir de 18 meses, não sendo identificado nenhum bebê matriculado na Educação Infantil antes desta faixa etária.

Em relação aos resultados do instrumento AHEND, a Figura 1 demonstra as porcentagens referentes às categorias “Espaço Interno” e “Espaço Externo”. Na categoria “Espaço Interno”, 33,3% das residências foram classificadas como apresentando oportunidades “Muito Boa” para o desenvolvimento motor infantil e 14,3% apresentam oportunidades “Boa” para o desenvolvimento dos bebês. Apesar de sua maior porcentagem ser referente à pontuação “Muito Boa”, quando somada aos resultados da pontuação “Boa”, as residências que apresentam um espaço interno adequado representam 47,6% das residências avaliadas, não atingindo nem a metade do total. Mas também é oportuno dizer que a segunda maior pontuação da categoria demonstra que 23,8% das residências apresentam oportunidades “Média” para o desenvolvimento, e sua menor porcentagem diz respeito à pontuação “Frac” (4,8%), o que faz desta categoria uma das que apresentam as melhores pontuações do instrumento.

Já em relação à categoria “Espaço externo”, não é possível fazer as mesmas afirmações. Esta categoria demonstrou, em sua maior porcentagem, que 42,9% das residências foram caracterizadas como oportunidades “Frac” para o desenvolvimento motor de bebês e, somado com os 19% da pontuação “Muito Fraca”, é possível afirmar que mais da metade das residências avaliadas (61,9%) não apresentam espaço externo capaz de oferecer oportunidades adequadas para o desenvolvimento dos bebês.

FIGURA 1- Resultados das categorias Espaço Externo e Interno



Fonte: Elaboração própria.

Outra categoria avaliada pelo instrumento diz respeito à variedade de estímulos presentes nas residências dos bebês (Figura 2). E, de acordo com os resultados, é possível afirmar que mais da metade das residências (57,2%) receberam classificação “Muito boa” para o oferecimento de estímulos, seguida de 19% de classificação “Boa”, sendo a categoria com melhor pontuação do estudo, seguida pela categoria “Espaço Interno”.

FIGURA 2- Resultado da categoria Variedade de Estímulos



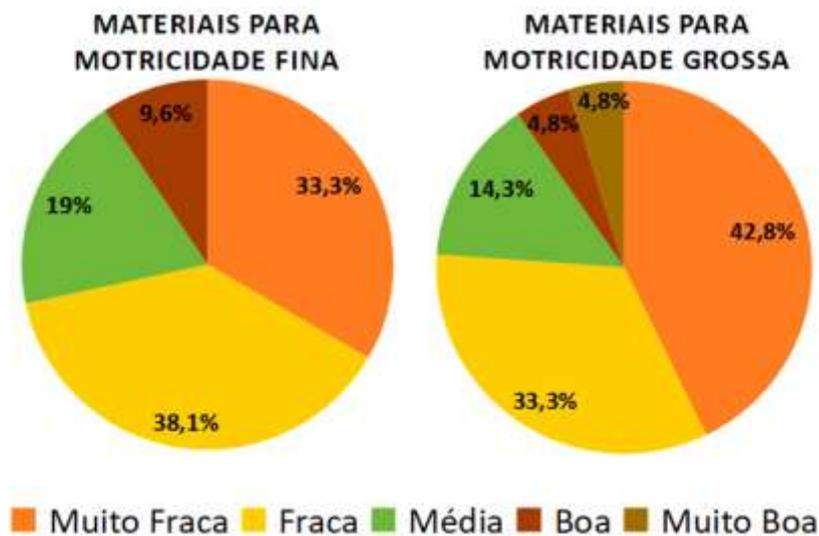
Fonte: Elaboração própria.

Outras duas categorias avaliadas pelo instrumento dizem respeito aos brinquedos presentes na residência: “Materiais para Motricidade Grossa” e “Materiais para Motricidade Fina” (Figura 3). Os resultados da primeira categoria demonstram que 38,1% das residências oferecem oportunidades “Muito Fraca” para o desenvolvimento da motricidade fina dos bebês e, 33,3% oferecem oportunidades “Fraca”, o que demonstra que 71,4% das residências avaliadas não apresentam oportunidades adequadas para o desenvolvimento motor infantil, quando avaliados os materiais para motricidade fina presentes no ambiente.

No que diz respeito aos Materiais para Motricidade Grossa, essa porcentagem é ainda maior: 76,1% das residências não apresentam oportunidades adequadas para o desenvolvimento motor de bebês, sendo 42,8% delas caracterizadas como oportunidades “Muito Fraca” e 33,3% como oportunidades “Fraca” para o desenvolvimento. Essas duas

categorias, seguidas pela categoria “Espaço Externo” demonstram os piores resultados do instrumento.

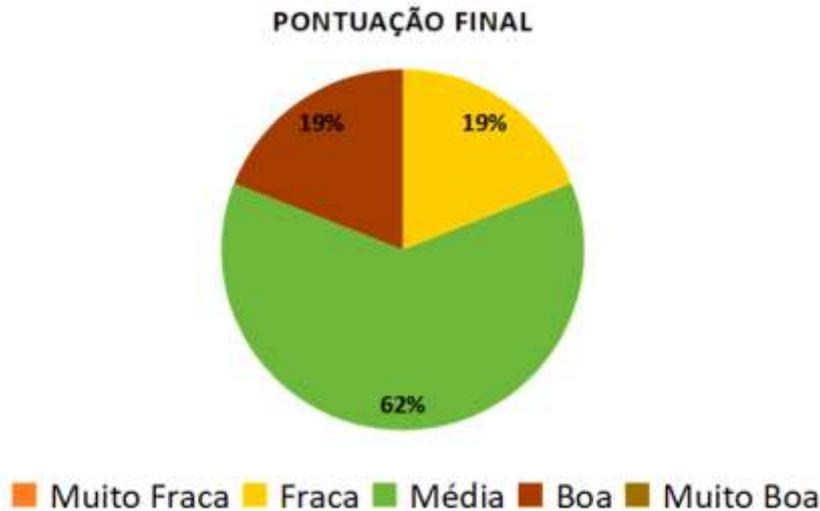
FIGURA 3- Resultados das categorias Materiais para Motricidade Fina e Grossa



Fonte: Elaboração própria.

Por último, de acordo com a Pontuação Final do instrumento (Figura 4), é possível afirmar que mais da metade das residências avaliadas foram caracterizadas como oportunidades “Média” para o desenvolvimento motor infantil (62%), seguido de 19% de oportunidades “Fraca” e 19% de oportunidades “Muito Fraca”, o que demonstra que, apesar de três das cinco categorias avaliadas serem caracterizadas como inadequadas para o desenvolvimento motor, ao se avaliar as residências como um todo (pontuação final), elas ainda obtiveram um resultado relativamente adequado em relação às oportunidades ambientais oferecidas pela residência para o desenvolvimento motor infantil.

FIGURA 4- Pontuação final do AHEMD



Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO

O estudo realizado por Pilatti e colaboradores (2011) que teve por objetivo analisar as oportunidades de estimulação presentes nos lares de crianças em desenvolvimento, através do instrumento AHEMD, apresentou resultados parecidos. A amostra contou com 21 bebês com idade entre 18 e 42 meses e suas famílias, moradoras da cidade de Passo Fundo, RS. Os resultados evidenciaram que, em relação ao “Espaço Externo”, 10 das 21 residências avaliadas apresentaram classificação "Muito Fraca" (3) e "Fraca" (7). Mas, os piores resultados estão relacionados às subescalas dos Materiais para Motricidade Fina e Grossa. A primeira classificou 18 das 21 residências como "Muito Fraca" e as outras 3 como "Fraca" e a segunda subescala, apenas uma residência foi caracterizada como "Boa", o restante obteve pontuação "Muito Fraca" (13) e "Fraca" (7).

Ao que se refere à influência do ambiente domiciliar e o desenvolvimento motor dos bebês, o estudo de Silva e colaboradores (2017) tem muito o que contribuir. O estudo contou com crianças entre 38 e 42 meses matriculados em uma escola municipal da cidade de Campina Grande do Sul-PR e seus responsáveis, e teve por objetivo analisar a relação entre as oportunidades de estimulação motora no ambiente familiar e o desenvolvimento motor de

crianças de ambos os sexos. Para isso, foi utilizado o questionário *Affordances in the Home Environment for Motor Development* (AHEMD) e o *Test of Gross Motor Development-2* (TGMD-2). Como resultado, o estudo apresentou, de acordo ao que se refere às oportunidades de estimulação, que os lares com crianças do sexo feminino foram considerados com oportunidades menores ao ser comparado com o sexo masculino. Nos domicílios das meninas, também houve maior prevalência de inadequação em relação aos dos meninos. Ao verificar a relação entre as oportunidades de estimulação motora oferecidas pelo ambiente e o desenvolvimento motor, as casas de ambos os sexos apresentaram baixas oportunidades de estimulação motora, principalmente no espaço externo. Estes dados corroboram com os resultados identificados neste estudo, sendo o espaço externo do domicílio classificado com maior prejuízo entre as outras categorias avaliadas.

O estudo feito por Soares (2012) teve o objetivo de avaliar e comparar o desenvolvimento motor grosso e fino dos lactentes que frequentavam com os que não frequentavam creches municipais em Recife- PE e, para isso, utilizou a Escala Motora da Bayley III e contou com 91 bebês de 6 a 24 meses. Os resultados demonstraram uma diferença estatisticamente significativa na média das pontuações de Motricidade Grossa das crianças que não frequentavam (10,4%) e das que frequentavam a creche (9,1%), mas isso não pôde ser observado com relação as pontuações de Motricidade Fina. Portanto, as crianças que não frequentavam as creches municipais apresentaram melhor desenvolvimento motor grosso, quando comparadas às crianças que frequentavam, isso pode estar relacionado ao ambiente das creches, que se apresentou como inadequado e pouco propício para o desenvolvimento motor grosso de bebês de 0 a dois anos de idade. Nesta presente pesquisa, os bebês que não frequentam a creche são maioria (66,7%) e, apesar de o ambiente escolar se apresentar como um potencial estimulador para o desenvolvimento infantil, o fato dessas crianças não estarem matriculadas na creche, não permite dizer que este público tenha atraso no desenvolvimento, pois este não foi o objetivo do estudo.

O estudo feito por Schobert (2008) investigou a relação entre o desenvolvimento motor de bebês de 6 a 18 meses matriculados em creches e as características ambientais das residências familiares e das creches de um município do Rio Grande do Sul. Os 52 bebês participantes frequentavam 9 creches, sendo elas 4 creches públicas e 5 particulares e os instrumentos utilizados foram a *Alberta Infant Motor Scale* (AIMS) e o *Affordances in the*

Home Environment for Motor Development (AHEMD). Os resultados demonstraram que 50% dos bebês apresentaram atraso ou risco de atraso no desenvolvimento motor. A renda familiar e o gênero não mostraram influência no desempenho motor. A relação entre o contexto familiar e o desempenho motor mostrou que os bebês que viviam em famílias que ofereciam oportunidades de estimulação suficientes apresentavam melhor desempenho motor. Em relação às creches, os bebês que frequentavam creches particulares apresentaram melhor desempenho motor do que os bebês que frequentavam escolas públicas e, a quantidade de bebês que apresentavam risco de atraso no desempenho motor foi maior entre bebês frequentadores de escolas públicas. E o tempo de frequência na creche não influenciou o desempenho motor dos bebês.

É importante ressaltar que são necessárias medidas que visam superar as lacunas identificadas em relação as oportunidades de estímulos identificadas no contexto domiciliar neste estudo. Entre as diferentes possibilidades acredita-se que o acesso ao contexto escolar é importante para que a vivência de novas experiências em espaços estruturados, com recursos apropriados e com a mediação de um adulto capacitado é eficaz para complementar os estímulos presentes no contexto domiciliar. Documentos nacionais priorizam o acesso precoce à escola na Educação Infantil, pois destacam a sua importância para o desenvolvimento das crianças, sendo que o espaço físico e a conduta dos adultos que o compõem devem ter qualidade e expressar a pedagogia adotada pela instituição escolar. O contexto escolar deve ser organizado para suprir as necessidades e as características de cada criança, considerando os espaços externos presentes no território, a cultura da infância e os diferentes aspectos pedagógicos que devem ser trabalhados com cada faixa etária (BRASIL, 1998, 2006a, 2006b).

O estudo realizado por Becker e Peccinini (2018) teve por objetivo investigar a qualidade da interação mãe-criança e o desenvolvimento infantil em crianças que frequentaram ou não a creche nos dois primeiros anos de vida. Para isso, eles utilizaram 4 instrumentos: a Ficha de dados demográficos da família; Escalas Bayley III; Observação da Interação Mãe-Bebê- 12º mês e 18ºmês; e, por fim, o *Maternal Behavior Q-sort*, instrumento composto por 90 itens que descrevem uma variedade de comportamentos interativos maternos. Participaram dessa pesquisa 44 crianças e suas mães. 21 delas formaram o Grupo Creche e as outras 23, o Grupo Não Creche. Os resultados indicaram que, no caso das famílias que apresentavam alta

escolaridade e renda média ou alta, a creche não apresentou impacto expressivo, tanto para o desenvolvimento infantil, quanto para a interação mãe-criança.

Girolodi, Poersch e Muller (2020) realizaram um estudo que teve por objetivo avaliar a relação entre as oportunidades de estimulação motora dentro do ambiente familiar, o nível socioeconômico e as características familiares de 80 famílias bebês a termo de 3 a 18 meses, moradores de uma cidade do Rio Grande do Sul. Foi utilizado o questionário AHEMD-IS para avaliar as oportunidades oferecidas pelo ambiente domiciliar e o questionário da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que permite estimar o poder de compra das famílias brasileiras. Os resultados, de acordo com a correlação das oportunidades ambientais e o poder de compra das famílias avaliadas, foram positivos. Porém, em relação à associação entre a cor/raça do pai e o valor total do instrumento, verificou-se que a proporção dos domicílios classificados como "oportunidades menos que adequadas" foi significativamente maior entre os pais de cor/raça preta.

Devido ao limite de participantes deste estudo, não foi possível avaliar a relação entre as oportunidades de estimulação oferecidas pelo domicílio com características sociodemográficas dos familiares, porém destaca-se que o território no qual a pesquisa foi realizada apresenta fragilidades importantes em relação à estrutura física dos domicílios, as questões socioeconômicas e culturais das famílias. Também é oportuno salientar que o território tem uma escola de Educação Infantil e que, mesmo assim, a maior parte das crianças participantes do estudo ainda não frequentam o contexto escolar.

A literatura destaca que crianças pequenas e seus familiares devem identificar nas escolas de Educação Infantil recursos físicos e humanos que ofereçam experiências planejadas intencionalmente, que promovam o acesso democrático a vivências que oferecem oportunidades culturais e educacionais capazes de promover o desenvolvimento infantil e a qualidade de vida de forma mais justa, equânime e feliz (BRASIL, 1998). Baseado neste pressuposto, este estudo reconhece a Educação Infantil como um espaço importante e adequado para complementar os estímulos oferecidos no ambiente domiciliar, que nesta investigação se encontra fragilizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi avaliar as oportunidades ambientais para o desenvolvimento motor de bebês oferecidas em seu domicílio. Os resultados apresentaram que as piores categorias foram a “Espaço Externo”, “Materiais para Motricidade Grossa” e “Materiais para Motricidade Fina” e, segundo a literatura exposta ao longo deste estudo, são os fatores importantes presentes no ambiente domiciliar que podem influenciar na aquisição das habilidades motoras do bebê.

Portanto, é possível identificar a necessidade da criação de estratégias para a superação destes déficits identificados como, por exemplo, a reorganização do ambiente domiciliar, criação de áreas públicas de lazer, a promoção do acesso das crianças avaliadas ao contexto escolar e a manutenção da vigilância do desenvolvimento infantil, por meio de ações implementadas pela Atenção Básica. A implementação de políticas públicas e programas de proteção a fim de diminuir e/ou eliminar a pobreza, prevenir situações de maus tratos, garantir o acesso à água potável, saneamento básico e um ambiente seguro, também podem auxiliar na prevenção dos atrasos do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

- BARROS, S.; AGUIAR, C. Assessing the quality of Portuguese child care programs for toddlers. **Early Childhood Research Quarterly**, n. 462, p. 1-9, 2010. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/school/ECEC-meta-analysis-studies.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BARROS, R. P. *et al.* Uma avaliação do impacto da qualidade da creche no desenvolvimento infantil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**. Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/1351/1098>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BECKER, S. M. S.; PICCININI, C. A. Impacto da Creche para a Interação Mãe-Criança e para o Desenvolvimento Infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/pSfMmmtqccWTq9ctbHJBWbC/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Básicos de infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2006b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Marco Legal da Primeira Infância. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10172.htm. Acesso em: 13 ago. 2021.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAÇOLA, P. M. *et al.* Development of the Affordances in the Home Environment for Motor Development-Infant Scale. **Pediatrics International**, v. 53, n. 6, p. 820-5, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21507146/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CAÇOLA, P. M. *et al.* The new affordances in the home environment for motor development- infant scale (AHEMD-IS): Versions in English and Portuguese languages. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 19, n. 6, p. 507-525, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/6smfYTVwrSQ3vc6wXDhGP9R/?lang=en>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CORBETTA D.; SNAPP-CHILDS W. Seeing and touching: the role of sensory-motor experience on the development of infant reaching. **Infant Behavior and Development**, v. 32, n. 1, p. 44-58, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19081142/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DEFILIPO, E.C. *et al.* Oportunidades do ambiente domiciliar para o desenvolvimento motor. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 633-641, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/wrLrwn4mfbHKtDC9G96SRCr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DORNELAS, L. F.; DUARTE, N. M. C.; MAGALHÃES, L. C. Atraso do desenvolvimento neuropsicomotor: mapa conceitual, definições, usos e limitações do termo. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 88-103, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/rWNf3F7qSTGLbWRP6hzLkRP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

EICKMANN, S. H.; MACIEL, A. M. S.; LIRA, P. I. C.; LIMA, M. C. Fatores associados ao desenvolvimento mental e motor de quatro creches públicas de Recife, Brasil. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 27, n. 3, p. 282-288, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/GHmfk3M7cmPDwGP8cg5PD3Q/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GIROLDI, C.; POERSCH, K.; MÜLLER, A. B. Oportunidades de desenvolvimento motor de bebês de um centro de referência materno infantil. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas- RS, v. 8, n. 1, 2020. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/5899. Acesso em: 13 ago. 2021.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed. 3. ed., 344p., 2004.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 63-77, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006. Acesso em: 12 ago. 2021.

PEDROSA, C.; CAÇOLA, P.; CARVALHAL, M. I. M. Fatores preditores do perfil sensorial de lactentes dos 4 aos 18 meses de idade. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 160-166, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/5mbCWLbnZTrMmyPB344fLYk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.

PILATTI, I. *et al.* Oportunidades para o desenvolvimento motor infantil em ambientes domésticos. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 9, n. 27, p. 22-7, 2011. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/1335. Acesso em: 13 ago. 2021.

SILVA, W.R. *et al.* Opportunities for motor stimulation in the home environment of children. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 84-90, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822017000100012. Acesso em: 12 ago. 2021.

SOARES, K. M. S. **Desenvolvimento Motor de Lactentes em Creches Municipais e no Ambiente Domiciliar**. 2012. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12974>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SOUZA, M.A.F. *et al.* Construction and validation of behavioral technology to monitor child development milestones. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 19, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3240/324054783052/html/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SOUZA, JM.; VERÍSSIMO, M.; CRUZ, D. Análise do conteúdo de diagnósticos de enfermagem sobre desenvolvimento infantil. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 20, n.1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/45041>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SCHOBERT, L. **O desenvolvimento motor de bebês em creches: um olhar sobre diferentes contextos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13809>. Acesso em: 12 ago. 2021.

VENETSANO, F.; KAMBAS, A. Environmental affecting preschoolers' motor development. **Early Childhood Education Journal**, v. 37, n. 4, p. 319-27, 2010.

ZANELLA, L. W.; REZER, C. R. O desenvolvimento motor e a influência do ambiente familiar e do nível socioeconômico. **Conexões**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 101-113, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640873>. Acesso em: 13 ago. 2021.

ASSESSMENT OF ENVIRONMENTAL OPPORTUNITIES THAT ARE OFFERED AT HOME FOR BABY ENGINE DEVELOPMENT

ABSTRACT

This study aimed to assess the environmental opportunities for infants' motor development offered at home. Twenty-one babies aged 0 to 24 months and their caregivers, residents of a neighborhood covered by a Family Health Unit (USF) participated in this research, and the instrument Affordances in the Home Environment for Motor Development (AHEMD) was used to investigate the quality and quantity of motor development opportunities offered by the home environment. The results showed that the categories "External Space", "Materials for Fine Motricity" and "Materials for Gross Motricity" had the worst scores in the study. Regarding babies enrolled in daycare, it was identified that only 7 of the 21 babies attend daycare and that none of the babies were enrolled before 18 months of age. It was possible to conclude the need for other spaces such as, for example, the school environment, public leisure areas, among others, to supply the stimuli that are not available in the home environment.

Keywords: Residence Features. Child development. Education.

VALORACIÓN DE OPORTUNIDADES AMBIENTALES QUE SE OFRECEN EN CASA PARA EL DESARROLLO DE MOTORES PARA BEBÉS

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo evaluar las oportunidades ambientales para el desarrollo motor de los bebés que se ofrecen en el hogar. En esta investigación participaron 21 bebés de 0 a 24 meses y sus cuidadores, residentes de un barrio amparado por una Unidad de Salud de la Familia (USF), y se utilizó el instrumento Affordances in the Home Environment for Motor Development (AHEMD) para investigar el calidad y cantidad de oportunidades de desarrollo motor que ofrece el entorno doméstico. Los resultados mostraron que las categorías "Espacio externo", "Materiales para la motricidad fina" y "Materiales para la motricidad bruta" tuvieron las peores puntuaciones en el estudio. Con respecto a los bebés inscritos en la guardería, se identificó que solo 7 de los 21 bebés asisten a la guardería y que ninguno de los bebés se inscribió antes de los 18 meses de edad. Se pudo concluir la necesidad de otros espacios como, por ejemplo, el ambiente escolar, las áreas públicas de ocio, entre otros, para suplir los estímulos que no están disponibles en el ambiente del hogar.

Palabras clave: Características de la residencia. Desarrollo infantil. Educación.

Submetido em: agosto de 2021.

Aprovado em: agosto de 2021.

Publicado em: agosto de 2021.